

O medo do "tratamento de choque"

ECONOMIA
GAZETA MERCANTIL

14 ABR 1983

por José Casado
de São Paulo

Apesar de constatarem que a recessão está-se aprofundando e que a inflação deverá subir para o patamar dos 120% ao ano, líderes empresariais manifestaram-se, ontem, contrários à adoção de um "tratamento de choque" na economia, como propõem os ex-ministros da Fazenda Mário Henrique Simonsen e Octavio Gouvêa de Bulhões. Entendem que o abrupto rompimento da atual política econômica, com a introdução de medidas como o corte substancial dos subsídios e a desindexação de preços e salários, traz implícito o risco de convulsões sociais no País.

"Tais propostas implicam achatamento dos salários, como ocorreu em 1966, e isso, na atual conjuntura, é inadmissível, porque traz um grande perigo social", ponderou Firmino Rocha de Freitas, presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletro-Eletrônica (Abinee). O impacto da recessão na indústria eletroeletrônica reflete-se na queda de 9% no número de horas trabalhadas na produção, no primeiro bimestre deste ano, em comparação com igual período do ano passado. Freitas acrescentou: "O nível de emprego setorial

cai continuamente, desde janeiro, o que evidencia o aprofundamento da crise".

Em Brasília, ao sair de audiência com o ministro Antônio Delfim Netto, o diretor do grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes, afirmou que "é ilusão pensar que o Brasil sairá do buraco a curto prazo". E sugeriu a adoção de "medidas urgentes", mas na linha do tabelamento dos juros e da criação de um fundo-desemprego. Abílio Diniz, presidente do grupo Pão de Açúcar, propôs, em Porto Alegre, que o governo renegocie outra vez a dívida externa para "conseguir mais espaço" na execução da política econômica.

"Estamos na mais absoluta estagnação", assegurou Horácio Cherkassky, presidente da associação setorial de papel e celulose. No primeiro bimestre, as vendas do setor caíram 1,7%. Os distribuidores de cimento, por sua vez, estimam que, no primeiro trimestre, a comercialização declinou 45%. Na área de bens de capital sob encomenda, a estimativa da Associação Brasileira para o Desenvolvimento das Indústrias de Base, a entidade setorial, é de que o ano seja encerrado com queda de 10% na produção, uma redução igual à de 1982.

(Ver páginas 3 e 8)